

A compreensão inferencial de anáforas associativas por meio de *frames*

Inferential comprehension of associative anaphora through frames

Lucilene Bender de Sousa*

RESUMO: Neste artigo, buscamos explicar o processo cognitivo inferencial que ocorre na compreensão de anáforas associativas por meio de referenciais da Psicologia Cognitiva e da Linguística do Texto. Inicialmente, apresentamos o modelo de compreensão em leitura que adotaremos para a análise e sua articulação com a teoria dos *frames*. Em seguida, explicamos os conceitos de inferência e anáfora associativa. Por fim, analisamos em textos de que forma ocorre o processo de inferência da anáfora associativa à luz do modelo de compreensão e da teoria dos *frames*.

PALAVRAS-CHAVE: Compreensão. Anáfora associativa. Inferência *Frames*.

ABSTRACT: This paper explains the cognitive process of inference that occurs in the comprehension of associative anaphora through the Cognitive Psychology and the Text Linguistics theoretical framework. First, it presents the reading comprehension model used to analyze data and its articulation with the theory of frames. Then, it explains the concept of inference and associative anaphora. Finally, it analyzes the process of inference of associative anaphora in texts guided by the reading comprehension model and the theory of frames.

KEYWORDS: Comprehension. Associative anaphora. Inference. Frames.

1. Compreensão em leitura e teoria dos *frames*

A compreensão em leitura conforme o modelo ilustrado (PERFETTI, 1999) depende de inúmeros processos cognitivos que envolvem tanto o conhecimento linguístico quanto o conhecimento de mundo. Os processos descendentes, do tema para a palavra, e os ascendentes, da palavra para o tema, interagem influenciando-se mutua e simultaneamente. Interessam-nos, neste artigo, especialmente os processos de representação textual, modelo situacional e inferência, que são diretamente influenciados pelo conhecimento de mundo.

* Doutoranda em Letras/Linguística na PUCRS com bolsa PROSUP/CAPES. Mestre em Letras - Leitura e Cognição pela Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC.

Segundo Kintsch (1998), à medida que o leitor avança na leitura de palavras e frases, ele constrói uma representação mental do sentido do texto. Para que haja compreensão, essa representação precisa ser integrada ao modelo situacional, ou seja, ao conhecimento de mundo que o leitor tem sobre a temática do texto. Se o leitor não tiver conhecimento suficiente sobre o assunto, certamente, terá dificuldades de compreensão, pois, muitas vezes, o texto não explicita conteúdos que o provável leitor já conhece, assim, o autor deixa brechas, conteúdos implícitos, que só podem ser preenchidas por meio do conhecimento prévio.

A teoria dos *frames* relaciona-se com esse modelo de leitura porque busca explicar como representamos os conhecimentos. *Frame* é uma estrutura da memória que contém informação sobre situações estereotípicas (MINSKY, 1975, p.1), como jantar em um restaurante, ir à praia, estudar em uma biblioteca etc. Ele se organiza em uma rede de nós e relações que contém terminais por meio dos quais as informações secundárias se ligam à principal. Os *frames* podem se agrupar uns aos outros formando sistemas que compartilham informações dos terminais. “Diferentes *frames* de um sistema descrevem a cena de diferentes pontos de vista” (ibid, p. 22). Esses terminais são preenchidos inicialmente por informações padronizadas, mas, podem ser modificados à medida que se expandem os conhecimentos sobre o *frame*.

No que se refere ao discurso, a teoria dos *frames* busca superar a dicotomia sintaxe/semântica por meio de uma perspectiva mais ampla, já que a compreensão do discurso envolve a compreensão de estruturas maiores do que frases. Minsky (1975, p.26) explica que “primeiro tentamos encaixar a nova informação em uma estrutura de história comum”¹. Todos os leitores possuem um *frame*, uma superestrutura da narrativa composta pelos terminais: situação, complicação, resolução, avaliação e moral (VAN DIJK, 1980). Esses terminais são categorias vazias que vão sendo preenchidas ao longo da leitura. “À medida que as frases são entendidas, as subestruturas resultantes devem ser transferidas para uma ‘cena-moldura’ criada para construir um quadro maior”². Essa descrição da ‘cena-moldura’ assemelha-se muito ao que Kintsch chama de modelo situacional. O sentido das partes deve ser integrado para a construção de um todo, de uma situação, de uma cena, de um *frame*, enfim, de uma estrutura coerente de sentido.

¹ “First we try to fit the new information into the current story-frame.”

² “As sentences are understood, the resulting substructures must be transferred to a growing "scene-frame" to build up the larger picture.”

Minsky (1975, p. 27) afirma que “o discurso reúne uma rede de estruturas e subestruturas instanciadas”³. Dessa forma, o conceito de *frames* mostra-se bastante amplo e pode ser aplicado a vários níveis diferentes de informação. O autor cita quatro níveis: *frames* sintáticos de superfície, *frames* semânticos de superfície, *frames* temáticos e *frames* narrativos. O nível narrativo assemelha-se ao de superestrutura textual (VAN DIJK, 1980; BONINI, 1999) que, inicialmente, foi criada para descrever a estrutura cognitiva da narrativa e, posteriormente, se expandiu para outras tipologias textuais. Neste artigo, interessa-nos os *frames* temáticos que se referem a temas ou situações. São eles que nos ajudarão a explicar como o leitor consegue inferir o referente da anáfora associativa presente nos textos.

Além de *frames* temáticos, outros nomes como *scripts*, *schema*, *schemata*, são dados ao que Ross (1975) chama de “estruturas de expectativas”. Essas estruturas organizam os conhecimentos culturais provenientes de nossas experiências, sendo utilizadas para fazer previsões e relações entre novas informações (TANNEN, 1979). Portanto, embora recebam nomes diferentes, todos os termos se referem a um conceito semelhante, ou seja, o uso de estruturas organizadas de eventos ou informações já conhecidos para prever o conteúdo do texto.

Schank e Abelson (1975, p.151) definem *script* como “uma sequência predeterminada de ações que definem uma situação já conhecida”⁴. Quando lemos uma palavra ou frase, ativamos em nossa memória *frames* ou *scripts* que contêm um conjunto de informações a elas relacionadas, criando, dessa forma, expectativas sobre o que virá no texto. Os autores explicam que os “*scripts* permitem fazer referências a objetos contidos neles como se esses objetos já tivessem sido mencionados previamente”⁵. Eles esclarecem tal afirmação com o seguinte exemplo⁶: “João foi ao restaurante. Ele pediu hamburger e coca-cola. Ele pediu à garçonete a conta e as sobras.” Apesar de não ter sido previamente citada, a garçonete aparece como se já fosse conhecida pelo leitor. Os pesquisadores argumentam que a palavra ‘restaurante’ ativa na memória o *script* desse local, contendo assim todas as informações a ele relacionadas: comida, bebida, menu, garçom/garçonete, conta, gorjeta, etc. Essa ativação prévia permite que o leitor

³ “a discourse assembles a network of instantiated *frames* and *subframes*.”

⁴ “a script is a predetermined, stereotyped sequence of actions that define a well-known situation.”

⁵ “references to objects within them just as if these objects had been previously mentioned.”

⁶ “John went into the restaurant. He ordered a hamburger and a coke. He asked the waitress for the check and left.”

crie expectativas, prevendo as próximas palavras e frases. É justamente por meio desse processo que ocorre a compreensão da anáfora associativa que veremos a seguir.

2. Inferência e anáfora

A inferência é o processo cognitivo por meio do qual o leitor acessa significados implícitos ou gera novos significados que serão integrados à compreensão global do texto. Conforme Trabasso (1981, p.60-62), a inferência desempenha as seguintes funções durante a compreensão da leitura:

- a) Resolução de ambiguidade de palavras.
- b) Resolução de referente nominal e pronominal.
- c) Identificação dos contextos para frases.
- d) Estabelecimento de *frameworks* para a interpretação.
- e) Previsão de eventos: causas e consequências, reações emocionais.
- f) Reconhecimento de eventos incongruentes.

A inferência pode ter duas fontes de informação: o texto e o conhecimento prévio do leitor (CHICALANGA, 1992). Essas duas fontes podem originar diferentes processos cognitivos de busca de informação: a recuperação de informação já existente na memória do leitor; e a geração de informação nova a partir do texto. O seguinte quadro ilustra os processos:

Quadro 1 - Processos de inferência.

	Recuperação	Geração
Processos Automáticos	A Inferências ponte, associações elaborativas	C Inferências transitivas em domínio familiar
Processos Controlados	B Busca por conhecimento ponte	D Inferência lógica

Fonte: Traduzido e adaptado de Kintsch (1998, p. 189).

No quadro, chamamos atenção para as inferências associativas. Elas são descritas como processos automáticos que não geram informações novas, mas, que recuperam informações da memória. Conforme o que vimos na teoria dos *frames*, a memória organiza as informações em estruturas e subestruturas que representam situações estereotípicas. Portanto, o leitor busca preencher as brechas do texto por meio do processo de recuperação de informações contidas

nos *frames*. Esse processo é o que denominamos de inferência associativa, fundamental para que ocorra a compreensão da anáfora associativa e do texto.

A anáfora pode ser conceituada, de maneira geral, como um mecanismo textual para a retomada de referente. Segundo Apothéloz (2003, p. 71), se o referente for retomado usando o mesmo nome, a anáfora é fiel; se for um nome diferente, é infiel. No entanto, no caso da anáfora associativa, o referente pode não estar explicitamente presente no texto, pois o autor pode supor que já seja conhecido pelo leitor, isto é, que o referente esteja presente na sua memória. Essa especificidade não recebe tratamento homogêneo por parte de diferentes autores. Koch (2005), por exemplo, defende que a anáfora associativa não retoma referentes textuais anteriormente mencionados, classificando-a como anáfora indireta, visto que, para ser estabelecida, depende de processos de associação e/ou inferenciação. Já Haag e Othéro (2003), não incluem a anáfora associativa na classificação direta e indireta, preferem classificá-la como um terceiro tipo de anáfora, pois entendem que as duas primeiras são correferenciais, retomam o mesmo referente, usando ou não o nome-núcleo, enquanto a associativa é referencial, porque faz referência a um referente não textual e sim cognitivo.

Marcuschi (2001), da mesma forma que Koch (2005), classifica como indireta a anáfora associativa, porém, entende que ela retoma de alguma forma um termo já citado no texto, esse termo é chamado de âncora. Segundo o autor (2001, p. 224), há “algo similar a uma ativação-reativação na continuidade do domínio referencial. Assim, podemos dizer que a anáfora indireta é uma espécie de ação remática e temática, simultaneamente, na medida em que traz a informação nova e a velha, ou seja, produz uma “tematização remática”. Então, apesar de não haver um referente textual explícito, há um termo que ancora a construção do novo referente que ocorre por meio da inferência. Do ponto de vista cognitivo, ele funciona como uma palavra-chave para a ativação do *frame* através do qual serão estabelecidas as relações de sentido.

Marcuschi (2001) classifica as anáforas indiretas em dois tipos: **semanticamente baseados** que envolvem o conhecimento léxico-semântico; e **conceitualmente baseados** que envolvem os “modelos mentais, conhecimento de mundo e enciclopédico”. O primeiro tipo apoia-se no conhecimento das palavras, portanto, sua inferência depende da quantidade e profundidade do conhecimento léxico-semântico do leitor. O último tipo apoia-se nos conhecimentos do leitor, entre eles o de mundo, logo, sua inferência depende da extensão e qualidade dos *frames* do leitor. Nessa classificação de Marcuschi, a anáfora associativa é um tipo de anáfora indireta conceitualmente baseada. Entretanto, o próprio

autor aponta para a fragilidade dessa divisão, visto a inseparabilidade do léxico e do conhecimento de mundo. Neste artigo, não faremos essa diferenciação por entendermos o conceito de *frames* de forma mais ampla, abarcando todo o tipo de conhecimento e/ou informação organizada; e de inferência, da mesma forma, independente da fonte de informação.

No que tange à referenciação, Apothéloz (2003, p. 75) também admite a existência de laços textuais, esclarecendo que há “uma certa dependência interpretativa relativamente a um referente anteriormente (às vezes, posteriormente) introduzido”, embora não haja “correferência com a expressão que introduziu ou designou anteriormente (às vezes, posteriormente) esse referente”. O exemplo dado por Apothéloz é o seguinte: “Nós chegamos a uma cidade. *A igreja* estava fechada”.

Apesar de não haver nenhum referente explícito, *igreja* é introduzida por artigo definido, como se já tivesse sido mencionada antes. Ora, se pensarmos no *frame* “cidade”, certamente, encontraremos elementos como casas, ruas, igrejas, praças etc. Assim sendo, a compreensão dessa anáfora exige que o leitor associe a palavra âncora a um referente virtual, que está em sua memória, em um cenário típico projetado pela temática do texto.

Construída essa perspectiva de análise em que reunimos compreensão, conhecimento de mundo-*frames*, inferência e anáfora associativa, partimos para a análise de textos buscando avaliar sua validade e também suas limitações.

3. Análise de textos

Apresentamos a seguir o texto “Aprenda a chamar a polícia”, de Luis Fernando Veríssimo. Identificamos em negrito as anáforas associativas a serem analisadas.

Aprenda a chamar a polícia...

Eu tenho o sono muito leve, e numa noite dessas notei que havia alguém andando sorrateiramente no **quintal de casa**. Levantei em silêncio e fiquei acompanhando os leves ruídos que vinham lá de fora, até ver uma silhueta passando pela janela do **banheiro**. Como minha casa era muito segura, com grades nas janelas e trancas internas nas portas, não fiquei muito preocupado, mas era claro que eu não ia deixar um **ladrão** ali, espiando tranquilamente.

Liguei baixinho para a **polícia**, informei a situação e o meu endereço. Perguntaram-me se o ladrão estava armado ou se já estava no interior da casa. Esclareci que não e disseram-me que não havia nenhuma **viatura** por perto para ajudar, mas que iriam mandar alguém assim que fosse possível.

Um minuto depois, liguei de novo e disse com a voz calma:

— Oi, eu liguei há pouco porque tinha alguém no meu quintal. Não precisa mais ter pressa. Eu já matei o ladrão com um tiro da escopeta calibre 12, que tenho guardada em casa para estas situações. O tiro fez um estrago danado no cara!

Passados menos de três minutos, estavam na minha rua cinco carros da polícia, um helicóptero, uma unidade do resgate, uma equipe de TV e **a turma dos direitos humanos**, que não perderiam isso por nada neste mundo.

Eles prenderam o ladrão em flagrante, que ficava olhando tudo com cara de assombrado. Talvez ele estivesse pensando que aquela era a casa do Comandante da Polícia.

No meio do tumulto, um tenente se aproximou de mim e disse:

— Pensei que tivesse dito que tinha matado o ladrão.

Eu respondi:

— Pensei que tivesse dito que não havia ninguém disponível.

A primeira anáfora associativa identificamos em ‘quintal de casa’. Para compreendê-la, o leitor deve ativar o *frame* ‘dormir’ ancorado pela palavra ‘sono’ utilizada na primeira linha do texto. Nesse *frame*, existem várias categorias de informação como tempo, modo e lugar. O local mais típico ao qual o ato de dormir está associado é o quarto de uma casa ou de um apartamento. Sendo o local uma casa, ela provavelmente terá um ambiente externo como um quintal. Dessa forma, o leitor quando vê a palavra ‘sono’ é capaz de antecipar, por meio desse *frame*, informações como o tempo, noite, e o local, casa. A segunda anáfora faz referência à anterior introduzindo outra parte da casa a ‘janela do banheiro’.

Esses dois *frames* ‘sono’ e ‘casa’ se entrecruzam com um terceiro ‘assalto’, desencadeado por todo o contexto ‘ruídos’, ‘silhueta’ e se confirmando na palavra ‘ladrão’. Dando seguimento, a próxima anáfora associativa apresentada é ‘polícia’, que se torna a âncora para a ativação do quarto *frame* que dará suporte para compreensão da anáfora em ‘viatura’. Por fim, a anáfora ‘a turma dos direitos humanos’ é de compreensão um pouco mais difícil, pois se refere ao *frame* ‘crime contra inocentes’, nesse caso ironicamente a ‘morte do ladrão’.

É interessante observar, nesse texto, como algumas palavras assumem dupla função. Elas são ao mesmo tempo a âncora e o referente. É o caso de ‘polícia’, que é ancorada por ‘ladrão’ e torna-se âncora de ‘viatura’. Esse exemplo ilustra muito bem o que Marcuschi (2001) chamou de “tematização remática”, visto que ‘polícia’ é uma nova informação velha, no sentido de que já foi indiretamente evocada na ativação do *frame* ‘assalto’.

Na segunda crônica, do mesmo autor, percebemos um diálogo todo construído a partir da anáfora associativa. O *frame* inicial envolve conhecimentos históricos acerca da “2ª Guerra Mundial”.

Duas histórias

Homem senta num bar ao lado de um velhinho que lhe parece familiar. O velhinho está um caco mas, mesmo assim, **aquele bigodinho, aqueles olhos...**

- Desculpe, mas você não é **o Adolf Hitler?**

- Sou.
- Pensei que você tivesse...
- **Todo mundo pensou.** Continuo vivo.
- Aposto que você vive cheio de remorso **pelo que fez.**
- Que foi que eu fiz?
- Mas como? E **os seis milhões de judeus** que mandou matar?
- Ach, eles. Já tinha me esquecido.
- Quer dizer que se fosse começar outra vez, hoje, você faria a mesma coisa?
- Não. Mandava matar seis milhões de judeus e **dois acrobatas.**
- Por que dois acrobatas?
- Viu como você esqueceu os judeus?

A tática, ajustada às devidas proporções, tem sido muito usada por aqui. Quando um assunto ameaça se tornar um escândalo, ou quando um escândalo ameaça se tornar assunto, acrescenta, rápido, dois acrobatas. Os acrobatas passam a ser o assunto. E os acrobatas não têm falhado muito, ultimamente, neste **país de distraídos**. Sua última aparição foi no caso **do Eduardo Jorge**. Lembra dele? Eduardo Jorge, aquele que era secretário particular do... **O patriciado brasileiro** sobrevive porque dominou a arte de mudar de assunto.

A primeira anáfora em ‘o Adolf Hitler’ é introduzida de uma forma não usual, pois a descrição física ‘aquele bigodinho, aqueles olhos’ funciona como âncora, embora possa também ser interpretada como catáfora, já que só é compreendida na leitura do nome. Esse, por sua vez, ativa o *frame* ‘2ª guerra mundial na Alemanha’ que ancora as expressões ‘pelo que fez’ e ‘os seis milhões de judeus’, contanto que os leitores conheçam os fatos históricos relacionados a esse personagem e seus principais atos.

No jogo textual, o autor coloca ‘dois acrobatas’ como suposta anáfora, dando a entender que o personagem interlocutor já os conhece. No entanto, na ausência de âncora e *frame* ao qual relacionar, o personagem pergunta ‘por que dois acrobatas’, que se torna assim uma catáfora. Logo, o narrador explica o surgimento dos acrobatas, levando à ativação do *frame* ‘corrupção’. ‘Neste país de distraídos’, mesmo que possa ser interpretado como um dêitico, vemos potencial para anáfora associativa, já que não podemos negar a existência de âncoras em ‘escândalo’ e até mesmo em ‘os acrobatas’, a essa altura já mais claramente compreendidos como qualquer assunto que faça dispersar as atenções. Por fim, ‘o patriciado brasileiro’ ancora-se em ‘o caso do Eduardo Jorge’ um dos representantes desse patriciado.

Ao contrário do texto anterior, nesse vemos relações anafóricas, dêiticas e catafóricas mais complexas que se entrecruzam e trazem desafios de leitura e de análise. O texto estabelece uma complexa rede de relações e referências que exige do leitor muita atenção, além de conhecimento histórico e da situação política atual do Brasil.

Vejamos nosso último exemplo, a crônica ‘Piscina’ de Fernando Sabino.

Piscina

Era uma esplêndida residência, na Lagoa Rodrigo de Freitas, cercada de jardins e, tendo ao lado, uma bela piscina. Pena que **a favela**, com seus barracos grotescos se alastrando pela encosta do morro, comprometesse tanto a paisagem.

Diariamente desfilavam diante **do portão aquelas mulheres silenciosas e magras**, lata d' água na cabeça. De vez em quando surgia sobre **a grade** a carinha de uma criança, olhos grandes e atentos, espiando o jardim. Outras vezes eram as próprias mulheres que se detinham e ficavam olhando.

Naquela manhã de sábado **ele** tomava seu gim-tônico no terraço, e **a mulher** um banho de sol, estirada de maiô à beira da piscina, quando perceberam que alguém os observava pelo portão entreaberto.

Era um ser encardido, cujos trapos em forma de saia não bastavam para defini-la como mulher. Segurava uma lata na mão, e estava parada, à espreita, silenciosa como um bicho. Por um instante as duas mulheres se olharam, separadas pela piscina.

De súbito pareceu **à dona de casa** que a estranha criatura se esgueirava, portão adentro, sem tirar dela os olhos. Ergue-se um pouco, apoiando-se no cotovelo, e viu com terror que ela se aproximava lentamente: já atingia a piscina, agachava-se junto à **borda de azulejos**, sempre a olhá-la, em desafio, e agora colhia água com a lata. Depois, sem uma palavra, iniciou uma cautelosa retirada, meio de lado, equilibrando a lata na cabeça – e em pouco sumia-se pelo portão.

Lá no terraço o marido, fascinado, assistiu a toda a cena. Não durou mais de um ou dois minutos, mas lhe pareceu sinistra como os instantes tensos de silêncio e de paz que antecedem um combate.

Não teve dúvida: na semana seguinte vendeu a casa.

A compreensão inferencial das anáforas desse texto baseia-se predominantemente em dois *frames* 'mansão' e 'favela' contrastivos. O primeiro é ativado por 'esplêndida residência', que serve de âncora para 'portão', 'ele', 'a mulher', 'a dona de casa', 'o terraço'. Nas anáforas 'ele', 'a mulher', 'a dona de casa', o leitor precisa buscar no *frame* 'mansão', além da característica de grandiosidade, sua habitação, ou seja, que toda casa tem dono, esse pode ser um homem, uma mulher ou ambos.

As inferências para 'portão' e 'terraço' parecem facilitadas, da mesma forma que para 'grade' e 'borda de azulejos', pois se estabelecem por relações parte-todo, que optamos por não diferenciar de conhecimento de mundo, uma vez que não podemos estabelecer até que ponto sua origem é linguística, de campos semânticos, ou conceitual, relacionado ao conhecimento de mundo que temos sobre 'portões' e 'piscinas'. Porém, o fato de parecerem requerer menor esforço cognitivo aponta para uma certa diferenciação de processos, o que instiga maior investigação.

O segundo *frame* é ativado por 'a favela' ancorado em 'Lagoa Rodrigo de Freitas' que, por sua vez, remete a 'Rio de Janeiro', conhecido pela coexistência de mansões e favelas. A própria anáfora associativa 'a favela' torna-se âncora para 'mulheres silenciosas e magras' que, ao ser introduzida pelo pronome demonstrativo 'aquelas', pressupõe a antecipação do leitor. De fato, quando o leitor ativa o *frame* 'favela', ele recupera informações sobre o local e seus

habitantes, nesse caso, as mulheres da favela. Esse exemplo mostra de que forma apenas dois *frames* ‘mansão’ e ‘favela’ podem dar suporte à inferência de uma série de anáforas associativas em sucessão no texto. A reativação do mesmo *frame* pode facilitar o processo inferencial para o leitor, se ele estiver atento a cada nova anáfora.

4. Considerações finais

Ao longo deste artigo, buscamos explicar de que forma ocorre a compreensão de anáforas associativas por meio do processo de inferência e da ativação de *frames*. A articulação desses conceitos, que tem como base teórica os estudos cognitivos e textuais, mostrou-se frutífera na análise dos textos exemplificados. Além disso, permite-nos fazer uma projeção da demanda cognitiva proveniente do processamento da anáfora associativa, podendo-se, assim, perceber a complexidade dos textos e potenciais dificuldades para o leitor.

Nossas análises também apontaram para a necessidade de se verificar se há diferença processual na inferência de anáforas indiretas semânticas e conceituais. Uma forma de verificação promissora poderia ser a pesquisa experimental, por meio da coleta de dados com leitores durante o processo da leitura de textos como os utilizados em nossos exemplos, observando fatores como tempo de leitura e movimento dos olhos. Tais dados poderiam esclarecer se há necessidade de distinção entre essas anáforas considerando seu processamento cognitivo.

Referências

APOTHÉLOZ, D. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

BONINI, A. Reflexões em torno de um conceito psicolinguístico de tipo de texto. **Delta**, v.15, nº 2, p. 301-318, 1999. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44501999000200004>

CHICALANGA, I. A suggested taxonomy of inferences for the reading teacher. **Reading in a foreign language**, v. 8, n. 2, p. 697-709, 1992.

VAN DIJK, T. A. Story comprehension: an introduction. **Poetics** 9, n. 1/3, p. 1-21, 1980. **crossref** [http://dx.doi.org/10.1016/0304-422X\(80\)90010-8](http://dx.doi.org/10.1016/0304-422X(80)90010-8)

HAAG, C. R.; OTHERO, G. A. Anáforas associativas nas análises das descrições definidas. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. v. 1, n. 1, agosto de 2003.

KINTSCH, W. **Comprehension**: a paradigm for cognition. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

KOCH, I. G. V. Léxico e progressão referencial. In: RIO-TORTO, G. M.; FIGUEIREDO, O. M.; SILVA, F.(coord). **Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela**. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, v. 1, 2005. p. 263 – 276.

MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta. **Revista Letras**, Curitiba, n.56, p.217-258. jul./dez, 2001.

MINSKY, M. A framework for representing knowledge. In: WINLSON, P. H. (ed.). **The psychology of computer vision**. New York: McGraw Hill. 1975. p.211-277.

PERFETTI, C. A. Comprehending written language. A blue print of the Reading. In: HAGOORT, P.; BROWN, C. (eds.) **Neurocognition of Language Processing**. Oxford University Press, Oxford, 167–208, 1999.

ROSS, R. N. Ellipsis and the structure of expectation. **San Jose State Occasional Papers in Linguistics**. v. I, 1975, p.183-191.

SCHANK, R. C.; ABELSON, R. P. Scripts, plans and knowledge. **Advance papers of the Fourth International Joint Conference on Artificial Intelligence**. Tbilisi, Georgia. USSR. Cambridge. Mass.: Artificial Intelligence Lab, v. I. 1975. p. 151-157.

TANNEN, D. What's in a frame: surface evidence for underlying expectations. In: FREEDLE, R. (ed.) **New directions in discourse processing**. Norwood, NJ: Ablex, 1979.

TRABASSO, T. On the making of inferences during reading and their assessment. In: GUTHRIE, J. T. (Ed.). **Comprehension and teaching**. Newark, Delaware: International Reading Association, 1981, p. 56-76.

Artigo recebido em: 28.02.2014

Artigo aprovado em: 07.05.2014